

UMA INTRODUÇÃO
AOS LIVROS HISTÓRICOS

Coleção A BÍBLIA E O POVO

- *Conheça a Bíblia*, Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin
- *Tire suas dúvidas sobre a Bíblia: 159 respostas esclarecedoras*, José Bortolini
- *Conhecer e rezar os Salmos: comentário popular para nossos dias*, José Bortolini
- *Aprendendo com o Evangelho de Marcos: quem é o Mestre? Quem é o discípulo?*, Paulo César Nodari; Everaldo Cescon
- *Crescer em amizade: uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas*, Carlos Mesters; Francisco Orofino
- *Primeira carta de João: quem ama permanece em Deus*, Luiz Alexandre Solano Rossi (org.)
- *Uma introdução ao Pentateuco*, Nilo Luza
- *Em busca da Palavra de Deus: uma leitura do Deuteronômio entre contradições e solidariedades*, Luiz José Dietrich e Rafael Rodrigues da Silva
- *Uma introdução aos Livros Históricos*, Nilo Luza

Nilo Luza

**UMA INTRODUÇÃO
AOS LIVROS HISTÓRICOS**



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Luza, Nilo

Uma introdução aos Livros Históricos / Nilo Luza. — São Paulo: Paulus, 2020.
Coleção A Bíblia e o povo.

ISBN 978-65-5562-183-9

1. Bíblia. A.T. - Livros históricos - Crítica, interpretação etc. I. Título

21-0113

CDD 222
CDU 222

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia. A.T. - Livros históricos

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação editorial: *Paulo Bazaglia*

Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*

Capa e diagramação: *Karine Pereira dos Santos*

Imagem da capa: *Samuel unge Davi, Antonio González Velázquez, séc. XVIII*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e
nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-183-9

INTRODUÇÃO

A Bíblia Hebraica divide o Antigo Testamento em três grandes partes: Pentateuco (*Torá*), com cinco livros; Profetas (*Neviim*), com vinte livros; Escritos (*Ketuvim*), com doze livros. Por sua vez, a Bíblia Católica divide o Antigo Testamento em quatro partes: Pentateuco, com cinco livros; Históricos, com dezesseis livros; Sapienciais, com sete livros; Proféticos, com dezoito livros.

Podemos dizer que a religião do povo de Israel é histórica. O povo da Bíblia descobriu Javé como seu Deus através da história vivida: na caminhada pelo deserto, na organização das tribos, nos altos e baixos da vida monárquica. A descrição da história bíblica não se resume apenas aos Livros Históricos, mas vai além deles. Todos os livros trazem algo histórico, mesmo não sendo esse o objetivo da Bíblia.

O segundo grande bloco da Bíblia Católica é formado pelos livros chamados Históricos. Não se trata propriamente de história no sentido moderno. Esses livros são como que crônicas, relatos, histórias edificantes. Claro que, no fundo, trazem elementos históricos, mas não é esse seu objetivo. São dezesseis livros, englobando os livros que a Bíblia Hebraica chama de Profetas Anteriores: Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis; alguns Escritos: Esdras, Neemias, 1 e 2 Crônicas; dois Meguilot (rolos): Rute, Ester; Deuterocanônicos (não fazem parte da Bíblia Hebraica): Tobias, Judite, 1 e 2 Macabeus.

Podemos dividir esses dezesseis livros em quatro blocos:

1) Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis. O livro de Josué relata a conquista da Terra Prometida e sua partilha entre as tribos. O livro dos Juízes, por sua vez, continua praticamente a temática de Josué, tratando, porém, da defesa

de cada tribo. Nos momentos de crise, as tribos se uniam para buscar uma saída. Os dois livros de Samuel tratam da monarquia, desde sua origem até o final do reinado de Davi. Os dois livros de Reis continuam os livros de Samuel, falam da monarquia e vão desde a morte de Davi até Sedecias (598-587 a.C.), último rei de Judá, quando acontece o exílio na Babilônia.

2) 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias. Escritos no pós-exílio (587 a.C.). Os livros das Crônicas são mais uma versão da história de Israel. Os autores contam a história desde as origens até o exílio na Babilônia (587 a.C.). Os livros de Esdras e Neemias continuam a narrativa das Crônicas após o regresso do exílio (538 a.C.). Escritos por volta de 400 a.C., procuram reorganizar a comunidade judaica em torno da Lei e do templo.

3) Rute, Tobias, Judite e Ester. Os três primeiros livros e parte do quarto são deuterocanônicos. São novelinhas em torno de personagens. Rute representa a voz das mulheres estrangeiras excluídas da comunidade judaica. Tobias representa os judeus da diáspora fiéis à tradição judaica. Judite é a história de uma mulher que salva seu povo mantendo-se fiel à Lei. Ester procura ser resistência dos judeus contra as ameaças de extermínio do seu povo que vive no exterior.

4) 1 e 2 Macabeus. Os dois são deuterocanônicos e relatam a revolta liderada pela família dos Macabeus contra o domínio dos selêucidas (198-142 a.C.). Os dois livros não são continuação um do outro, mas relatos paralelos e independentes.

Nesta introdução aos Livros Históricos, não podemos esquecer a História Deuteronomista ou Obra Deuteronomista. Essa obra é formada pelos seguintes livros: Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis, tendo como base o Deuteronomio 12-26, suposto livro encontrado no templo (2Rs 22,8-10) por ocasião das reformas de Josias (640-609 a.C.), provavelmente elaborado

em Israel (Reino do Norte) e levado a Jerusalém no tempo da destruição da Samaria (722 a.C.). Portanto, o Deuteronômio conclui a primeira parte da Bíblia Católica (Pentateuco) e é como que a introdução à História Deuteronomista ou a sua base. Em outras palavras, o Deuteronômio é como que uma grande história religiosa que se prolongou do livro de Josué ao segundo livro dos Reis.

Segundo os estudiosos, houve várias etapas na redação da historiografia deuteronomista, até ficar pronta como a conhecemos hoje: durante o reinado de Josias (640-609 a.C.), a partir de Deuteronômio 12–26, durante o exílio na Babilônia (587-539 a.C.) e após o exílio, por volta de 450-400 a.C., quando a conclusão da obra teria acontecido. São, portanto, em torno de setecentos anos de história de Israel, desde a entrada na Terra Prometida até a tomada de Jerusalém pelos babilônios.

A História Deuteronomista tem como objetivo principal “fazer uma análise crítica da história do povo de Deus, desde a posse da terra sob a liderança de Josué, até a perda total da liberdade e da vida no exílio babilônico” (BORTOLINI, v. 1, 2018, p. 98), além de apresentar o rei Josias como o novo Davi e legitimar sua reforma. Os escribas do templo da corte de Josias propunham fazer propaganda da dinastia de Davi. A intenção de Josias era reunificar os reinos de Israel (Norte) e de Judá (Sul), separados com a morte de Salomão.

As principais reformas de Josias estão relatadas em 2Rs 23,4-27 e em 2Cr 34,1-35,18 e têm como objetivo demonizar, com fins lucrativos, as várias religiões, principalmente das tribos do Norte. Algumas propostas dos teólogos da corte de Jerusalém, no tempo de Josias, são: a proibição do culto fora de Jerusalém, a destruição dos santuários de Israel (Betel: 1Rs 12,29; 2Rs 23,15; Dã: 1Rs 12,29; Silo: 1Sm 1,3; 1Rs 2,27), a abolição de imagens e culto aos deuses, Jerusalém como único lugar para oferecer sacrifícios...

Os autores deuteronomistas se utilizaram de algumas fontes orais e escritas que circulavam na corte e entre as comunidades. Com esse trabalho, os escribas da corte pretendiam recapitular a história de Israel, desde a partida do Sinai até a deportação para

a Babilônia. Queriam refletir sobre as causas das perdas e derrotas que o povo foi sofrendo ao longo desse tempo – a infidelidade a Javé, para o autor sagrado, foi a causa de todos os males que se abateram contra Israel (2Rs 17,13-18), e a fidelidade ao Deus de Israel é sinal de bênção –, ao mesmo tempo que mostravam a fidelidade de Javé à aliança com o povo.

Os deuteronomistas sonhavam com a restauração da terra israelita, obedecendo às Leis de Javé e aos profetas. A não obediência às Leis e aos profetas foi vista como o motivo da perda da Terra Prometida. A nação subsiste ou perece de acordo com a fidelidade ou infidelidade a Javé e sua Lei. Desejavam também um rei segundo o projeto de Deus (Dt 17,15), à semelhança de Davi. Os deuteronomistas tinham a esperança de que o povo voltasse a ser fiel a Deus, vivendo as Leis mosaicas. Em geral, os deuteronomistas eram favoráveis à monarquia e, de modo especial, à dinastia de Davi.

Outro aspecto a ser levado em conta na introdução aos Livros Históricos é a História ou Obra do Cronista. Esse bloco abrange quatro livros: 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias. Repete em parte e continua a história deuteronomista. Pelo estilo e pelas ideias centrais, esses livros formam um grupo e têm o mesmo autor, que poderíamos chamar de Cronista, talvez um cantor levita (o autor menciona os levitas 160 vezes). É como que uma releitura da história de Israel feita pelos sacerdotes e levitas com funções no templo de Jerusalém, concluída por volta de 300 a.C. e tendo o templo como centro. Essa obra não é propriamente uma historiografia no sentido moderno, mas é “mais uma leitura teológica da vida de Israel que visa a atender as necessidades da comunidade de repatriados” (B. GASS, v. 5, 2012, p. 152).

Essa obra é bem menos crítica do que a História Deuteronomista em relação, principalmente, a Davi. Procura apresentar o rei Davi livre de suas fraquezas, infidelidades e pecados, como o descreve a Obra Deuteronomista. Pelo Cronista, ele é visto como uma pessoa correta, sem defeitos, voltada ao culto. Portanto, é um Davi idealizado, modelo de rei messiânico do futuro, tido como arquiteto do templo de Jerusalém. Salomão é

visto apenas como executor do projeto idealizado por Davi. O Cronista se propõe a “glorificar e consolidar a autoridade ritual e dinástica da aliança de Davi, ignorando quase completamente a aliança de Moisés e do Sinai” (BROWN, 2007, p. 726).

Tanto a História Deuteronomista como a Historiografia Cronista valorizam muito Judá (Reino do Sul) e pouco destaque dão a Israel (Reino do Norte), considerando seus santuários – Betel (2Rs 23,15) e Dã (1Rs 12,29) – idólatras. Os dois blocos atribuem aos reis a responsabilidade principal pelo exílio babilônico, mas o Cronista atribui também ao povo e aos chefes dos sacerdotes a desgraça do exílio (2Cr 36,14-16).

Os Livros Históricos narram a história de um povo pequeno, pobre e continuamente dominado por algum dos impérios da época, mas sempre confiando no Deus libertador. O trabalho aqui segue a ordem em que cada livro se encontra na Bíblia Católica ou Cristã.